

PARA UMA ESTILÍSTICA METEOROLÓGICA

John Morris Parker & Rosa Lídia Coimbra

Universidade de Aveiro

Partimos da noção de estilo como o conjunto de elementos semióticos, principalmente linguísticos, que caracterizam determinado tipo textual, em sentido geral ou particular, síncronica ou diacronicamente. No caso da presente comunicação, trata-se de um texto de tipo expositivo e informativo, actual, tornado mais complexo pela colaboração de outros sistemas e códigos semióticos, que lhe servem de suporte: o visual, o gráfico, o icónico, o prosódico, o auditivo, o gestual, ou cinestésico, etc. O boletim meteorológico televisivo parece ter merecido pouca atenção dos estudiosos. Da escassa bibliografia levantada, mas ainda não consultada, não há indicação de se tratar ou não do boletim televisivo; parece pouco provável, já que a maior parte se interessa apenas por aspectos lexicais. A nossa proposta limita-se a uma hipótese de trabalho, baseada em métodos de investigação em estilística e linguística textual. Procurámos descobrir uma estrutura comum a partir dum *corpus* constituído por gravações, feitas ao longo duma semana, dos boletins meteorológicos veiculados, durante o serão, pelas três estações de televisão em Portugal: RTP, SIC e TVI¹.

O boletim meteorológico veiculado pela SIC é, de longe, o mais extenso, sendo ela a única estação a dar cobertura às condições e previsão do tempo não só para Portugal, mas também para toda a Europa e ainda com algumas referências ao Norte de África. Sucedem-se, assim, as imagens dos respectivos mapas, seguidas pelas tabelas com as temperaturas e ícones, primeiro para as cidades portuguesas, depois, como remate, para as principais capitais europeias. Os boletins meteorológicos da RTP são

textualmente os mais curtos, o que não significa ocuparem menos tempo do que os da TVI, uma vez que existem pausas no processo informático. Estas duas estações limitam-se a comentar o tempo no território português, notando-se, no entanto, uma inversão de factores, no sentido da ordem da previsão e do espaço concedido, respectivamente, a Portugal continental e aos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Com efeito, a TVI, tendo começado o comentário inicial com referência a Portugal, nas previsões inverte esta ordem, dando maior ênfase às Ilhas, enquanto a RTP segue sempre a ordem Portugal \Rightarrow Ilhas.

Apresentação visual

Dizer que cada estação utiliza um modelo próprio não significa, evidentemente, a ausência duma estrutura comum, pois trata-se dum produto massificado, a que, tal como acontece com as notícias da imprensa escrita, cada empresa imprime o seu carácter. Logo no começo, o telespectador português reconhece imediatamente a estação transmissora pelo aspecto visual do boletim. A impessoalidade da televisão estatal, com a voz *off*, a apresentação informatizada, o *zoom*, o acompanhamento musical, sugerindo o estado tecnocrata, sem ideologia; a seriedade pedagógica e o ambiente familiar da TVI, com a presença do/da especialista no estúdio, ao lado do/da apresentador/a do noticiário – com quem troca umas palavras no início e no fim do boletim –, e o processo tecnológico menos progressista, dos diapositivos controlados manualmente; a aposta na juventude e no *glamour* da SIC, com as suas modelos – só femininas, repare-se! –, que apenas lêem (e mal) o boletim e cuja postura inicial, pisando elegantemente o mapa da Europa, parece reproduzir as ambições da empresa ou representar a extensão do consórcio.

Aspectos gestuais (cinestésicos)

Nos boletins da SIC e da TVI podem-se observar os estilos contrastantes da performance cinestésica das apresentadoras (do apresentador, no caso de Anthímio de Azevedo na TVI). Os dois técnicos contratados pela TVI, filmados sempre de corpo inteiro, no entanto movem pouco os corpos, excepção feita das posições frontal e lateral que tomam, de acordo com a necessidade de olhar de frente para a câmara (o público invisível). Os gestos manuais são verdadeiramente indiciais, apontando com o dedo indicador para os aspectos a focar. As 'meninas da SIC', pelo contrário, enquanto focadas de corpo inteiro calcando o Norte de África, praticam uma espécie de *ballet* rudimentar de boneca mecânica, com especial relevo para pés, braços e mãos. Este processo mecânico continua, a seguir, quando vistas a meio corpo, ao lado do mapa de Portugal, no modo de estenderem o braço para sublinhar o texto, pois nem esticam o braço, que fica em ângulo, nem apontam com o dedo, que é substituído pela mão graciosamente alongada, quer em curva horizontal, quer em continuação da linha do braço.

Aspectos icónicos

Cada uma das estações também recorre a um arsenal próprio de signos icónicos, bastante diferentes entre si. A RTP dispõe do que parecem ser fotografias (céu azul e ensolarado, céu com nuvens, lago com chuva a cair, etc.), em número de seis, que são projectadas de 'janelinhas' alinhadas verticalmente ao lado do mapa de Portugal, transformando-se de ecrã pequeno em ecrã total, servindo de pano de fundo para as indicações escritas, que aparecem em caixas². São, é preciso reconhecer, pouco exactas, muito genéricas, bastando, por exemplo, prever-se a ameaça duns pinguinhos de chuva para o ecrã quase desaparecer num mar de água.

Já as outras estações recorrem a pequenos ícones individuais e específicos, colocados nos mapas em conformidade com as condições do tempo. Os da TVI talvez excessivamente 'estilizados', principalmente as nuvens, que nem se reconheceriam como tal fora do contexto: os ventos representados por uma flecha, não muito visível, atravessada pelos números relativos à velocidade. Quanto à SIC, utiliza um sistema de pequenos ícones 'animados': p.ex. os pequenos sóis 'pulsam', tornando-se mais brilhantes, para mostrar a intensidade do sol; o ícone da chuva imita, esquematicamente, os pingos de chuva, enquanto o do relâmpago mexe quando se fala de trovoada.

Outros aspectos

Merece reparo, ainda, o número de ecrãs e mapas diferentes utilizados pelas três empresas. A SIC mostra, de longe, o maior número, de acordo com a maior cobertura; a TVI começa por utilizar as imagens de satélite (regra geral, duas), passando a mapas bastante sintéticos de Portugal e das Ilhas; a RTP é mais económica ainda, limitando-se a dois mapas, de Portugal continental e das Ilhas, respectivamente. Um pormenor interessante, até bastante subtil, é a utilização pela SIC do que parece ser um quadro, ou desenho, do casario de uma cidade como pano de fundo às tabelas de temperaturas previstas para as cidades portuguesas, enquanto as das capitais europeias sobressaem contra o mapa da própria Europa.

Estruturação

A nossa pretensão de caracterizar o tipo textual do boletim meteorológico televisivo não podia omitir os aspectos acabados de referir, que não são, contudo, a nossa preocupação principal. Esta prende-se antes com o texto em si: a sua organização estrutural e as características léxico-gramaticais e semânticas do discurso utilizado pelo produtor do texto. Quanto à estrutura, o nosso objectivo foi o de propor uma

1.2. DESENVOLVIMENTO

O protótipo foi desenvolvido em 1993-1994 por uma equipa constituída por investigadores do ILTEC e da JUNITEC, a partir do desenho original do projecto de um dos autores (André Eliseu)¹. A equipa que desenvolveu o projecto foi a seguinte:

André Eliseu (UA/ILTEC):	Desenho do Projecto, Coordenação, Especificações linguísticas
António Horta Branco (ILTEC):	Desenho do Projecto, Especificações linguísticas
Dulce Lush (ILTEC):	Manual, Testes
João Cachopo (IST/JUNITEC):	Desenho da aplicação, implementação (Interfaces, Gramática, Dicionário)
José Manuel Campos (JUNITEC):	Implementação (Interfaces, Enciclopédia, Dicionário)

O desenvolvimento do protótipo foi possível graças ao financiamento concedido pelo GEP do Ministério da Educação.

2. O PROTÓTIPO

2.1. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS ²

O protótipo Sócrates é uma aplicação que corre no sistema operativo Macintosh, em máquinas com pelo menos 4 MB de RAM. O código foi escrito em LISP, tendo o

¹ Agradecemos ao *Externato As Descobertas*, de Lisboa, a colaboração prestada na fase de teste das várias versões do protótipo.

² A parte respeitante à descrição da implementação (2.1 e 2.2) é da autoria de João Cachopo.

da sua ocorrência. Assim, as categorias da LOCALIZAÇÃO TEMPORAL e ESPACIAL nunca estão ausentes já que, sem elas, não haveria, obviamente, utilidade prática na descrição de determinado estado do tempo. A TVI e a RTP limitam-se, em geral, à dicotomia hoje/amanhã, enquanto que a SIC preenche um âmbito mais vasto e diferenciado. Na localização espacial, verificámos que a TVI e a RTP se limitam a Portugal enquanto a SIC, tem um leque mais alargado. No boletim do dia 18, por exemplo, a SIC totaliza mais de quarenta referências espaciais contra uma dúzia na RTP e 9 na TVI.

As subcategorias que dizem respeito à CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS também distinguem tendências nos três canais. Tomando como exemplo os textos transmitidos no dia 18/07, a subcategoria TEMPERATURA encontra-se completamente ausente na TVI; a RTP apresenta uma única referência, enquanto que a SIC, com 17 referências, desenvolve particularmente esta subcategoria no seu texto. A subcategoria HUMIDADE está presente em todos os textos do dia 18 e não apresenta distinções entre os canais. Já a subcategoria VENTO, sendo relativamente pouco desenvolvida pela SIC e RTP (9% e 7%, respectivamente, do total das referências a condições meteorológicas nos seus textos), é particularmente focada pela TVI, atingindo 33% das referências. Em relação à subcategoria CÉU, constatámos que foi aquela que, em todos os textos, mais atenção despertou com numerosas referências (53% na TVI, 67% na RTP, 42% na SIC) a nuvens, nebulosidade, sol, etc. Finalmente, a subcategoria GERAL, (com referências como "o tempo vai permanecer estável") não foi muito considerada. A categoria CAUSAS foi também pouco contemplada. Inclui referências aos fenómenos responsáveis pela ocorrência de determinada condição meteorológica (ex: "Os sistemas de baixas pressões (...) condicionarão o tempo").

Na categoria AVALIAÇÃO, incluímos as expressões que contemplam um aspecto valorativo (ex: "proporcionando um dia agradável"; "dia bonito") que pode atingir

mesmo a forma de um conselho dirigido ao telespectador (ex: "tempo seco a convidar a uma ida até à praia"). Na amostragem recolhida, esta categoria só foi encontrada em textos da SIC, o que parece estar de acordo com o modo menos "técnico" de apresentar a informação meteorológica. O RESUMO abrange o final do texto que condensa a informação mais pertinente. Esta categoria, frequentemente omissa, foi por vezes usada na TVI como a "deixa" da apresentadora para o locutor que irá prosseguir com o noticiário.

Linguagem

Coesão textual

A superestrutura, como *schema*, é relevante para entender a coerência dos textos, que depende, também, de uma ou mais *frames*. No presente caso, os conhecimentos gerais que os telespectadores possuem do espaço europeu em geral, mas sobretudo da geografia do seu próprio país, constituem o *frame* que lhes permite situar-se mais facilmente no contexto. As próprias condições atmosféricas constituem outro *frame*, cujos conceitos se traduzem a nível da expressão, por palavras como 'céu', 'nuvens', 'vento', 'sol', 'chuva', 'temperaturas', etc. A coerência traduz-se, na superfície textual, por meio da coesão interfrásica, que pode ser explícita ou implícita, isto é, podemos apontar para elementos léxico-gramaticais específicos no texto que realizam a função coesiva, ou, na falta deles, indicar processos que correspondem à ordem natural ou lógica das coisas.

Assim, por exemplo, a RTP opta por uma apresentação que segue sempre o mesmo roteiro, que começa pelo extremo norte de Portugal continental, continuando sucessivamente para o sul, região por região, antes de passar aos Açores - divididos em "grupo ocidental", "ilhas centrais", "grupo oriental" - e, finalmente, à Madeira.

A própria sequência das imagens, completadas pelas informações, sucintas embora, que também passam no ecrã, torna quase desnecessário o texto falado, o qual, nos boletins em análise, revela escasso recurso a outros elementos explícitos de coesão, sobretudo no que diz respeito à coesão gramatical, na terminologia de Halliday e Hasan (1976): quando muito, uma ou outra ocorrência do conector interfrásico “no entanto”, indicativo de forte contraste em relação à informação veiculada pela frase anterior. Este processo metódico, dada a concisão sintética do texto falado, resultaria extremamente monótono, se não fosse certa variedade na topicalização. Assim, em vez de uma lista em que cada frase começasse por ‘Em’ (ou ‘No/a[s]’), seguido pelo nome da região, o produtor destes textos resolveu topicalizar, mais ou menos alternadamente, ou a região ou a previsão que lhe diz respeito (ex. “Com as temperaturas a subirem em Trás-os-Montes e no Alto Douro, o céu está praticamente limpo. Na Beira Interior, o dia promete ser também um pouco mais quente e com muito sol”). Esta variação estilística não compromete a coesão, essencialmente lexical, na terminologia de Halliday e Hasan (1976), podendo os nomes das regiões ser considerados membros do que estes autores classificam de “série ordenada”.

Os boletins da TVI também seguem um roteiro preestabelecido, mas, se também neles se divide o espaço português nas mesmas três áreas, não se impõe a mesma regionalização pormenorizada. Podemos dividir o texto destes boletins em quatro ‘parágrafos’¹, pois, a seguir a um primeiro em que se comentam as imagens obtidas por satélite, a cada uma das três áreas geográficas corresponde um parágrafo de texto que acompanha o respectivo mapa. Com a excepção do primeiro, limitado pelas próprias imagens a observações sobre a presença ou ausência de nebulosidade, cada parágrafo dedicado às previsões percorre os aspectos a comentar na mesma ordem: primeiro, a situação do céu, depois o vento. Esta ordem preestabelecida, reforçada

pelo gesto deíctico de apontar no mapa a flecha indicadora do vento, explica, certamente, a ausência de coesão explícita entre a frase, ou frases, relativas ao céu e aquela/s em que se fala do vento. Não parece possível falar aqui de “séries ordenadas”, mas julgamos que o conceito de “séries não ordenadas” seria aplicável, sem esticá-lo demasiado (‘nebulosidade’ e ‘vento’ seriam co-hipónimos de ‘condições atmosféricas’). De resto, a natureza oral destes boletins revela-se, a nível da coesão, no recurso à conjunção aditiva no início dos ‘parágrafos’, sobretudo nos primeiros dias da semana em questão. O outro conector encontrado com alguma frequência (duas a três vezes em cada boletim) é o adversativo ‘no entanto’, cuja utilização faz prever ou uma excepção a uma generalidade acabada de afirmar, ou um contraste entre duas regiões.

Onde vamos encontrar maior número e variedade de elementos interfrásicos conjuntivos é, sem dúvida, nos boletins da SIC. Enquanto ‘E’ e ‘no entanto’ são pouco frequentes, aparecem, além de aditivos e adversativos simples, como ‘também’ e ‘mas’, formas que correspondem à classificação hallidayana de “conjuntivo comparativo dissimilar” (‘em contrapartida’, ‘de resto’, ‘por outro lado’), causais, como ‘por isso’, ‘assim’ e ‘senão’, este último definido como “reversed polarity” (Halliday & Hasan, 1976: 243). Ao mesmo tempo, o cuidado investido na redacção destes textos revela-se, também, em outras formas de coesão, gramatical e lexical. O conceito de “série ordenada” parece aplicar-se, aqui, à sequência temporal: ‘[hoje] ao meio-dia’, ‘de madrugada’, ‘amanhã de manhã’, e ‘amanhã à tarde’ (ou ‘de tarde’), a não ser que, tratando-se de locuções adverbiais, deva ser considerado antes conjunção temporal. Seja como for, cria o mesmo tipo de coesão em termos temporais que a já referida sequência espacial encontrada nos boletins da RTP. Conjunção temporal será, certamente, a fórmula empregada para o ‘parágrafo’ final, de remate, “recapitulando” ou “resumindo”, encontrada apenas nestes textos.

Merece referência, nestes boletins da SIC, o emprego do que Halliday e Hasan (1976: 274-277) designam “general noun”⁴. No caso presente, trata-se da palavra ‘situação’, tendo como pressuposto expressões do tipo: “as nuvens circularam...”; “as nuvens espalharam-se hoje um pouco por toda a Europa...”). Como observam Halliday e Hasan, o substantivo geral faz-se acompanhar quase sempre dum elemento de referência demonstrativa, habitualmente o artigo definido. Nos exemplos referidos, o elemento em questão é o próprio demonstrativo (“esta”) ou uma forma de referência comparativa (“pior”), não mencionada pelos autores citados.

O emprego desta forma de coesão não é, certamente, elemento caracterizador deste tipo textual e o mesmo se poderá dizer das restantes formas encontradas: referência demonstrativa (‘isto’, ‘por aí’) e comparativa (‘restantes cidades’, ‘resto das cidades’), e oposições lexicais (‘baixas / altas pressões’; ‘litoral’/‘interior’). De resto, vamos encontrar, em todos os textos, das três estações, a forma elementar de coesão que é a repetição dos mesmos lexemas, ou seja a recorrência lexical, na terminologia de Beaugrande e Dressler (1980). Repetem-se, com frequência, ao longo dos textos, os substantivos das mesmas áreas semânticas, que traduzem, na superfície textual, os respectivos *frames* cognitivos. Como se trata dum número relativamente pequeno de termos comuns relacionados com as condições atmosféricas, passam a constituir, de alguma maneira, uma espécie de rede coesiva. Um teste de frequência lexical, relativo aos três textos dum mesmo dia, revelou, por exemplo, que a palavra ‘sol’ surgiu oito vezes no texto da SIC e cinco no da RTP; outras tantas a palavra ‘vento’, divididas entre a SIC e a TVI — depreende-se que nesse dia, não fez sol nos estúdios da TVI nem vento nos da RTP! No mesmo dia, o texto da SIC repetiu sete vezes a palavra ‘graus’, de temperatura, evidentemente.

Seleção lexical

Estas últimas observações levam-nos a falar, brevemente embora, da seleção lexical como elemento caracterizador da tipologia textual. A este respeito, estamos, evidentemente, perante um tipo textual muito específico e limitado. Da escassa bibliografia sobre boletins meteorológicos que pudemos identificar é este o aspecto mais estudado. Não sabemos se as análises em questão focam textos dirigidos ao grande público nem qual o meio de comunicação. No presente caso, tratando-se de textos televisivos, podemos supor que os autores dos textos evitarão uma terminologia excessivamente científica, optando antes por um vocabulário acessível a um público em grande parte de cultura mediana. O nosso corpus é algo desconcertante neste pormenor. Se os técnicos da TVI são os únicos a empregar sistematicamente o termo “precipitação” e a falarem insistentemente em “nebulosidade”, não é deles que ouvimos referência a “anticiclones” ou a “pressões baixas/altas”, expressões encontradas unicamente nos boletins da SIC. Na RTP nunca se fala nos “arquipélagos” dos Açores e da Madeira, na SIC só uma vez na semana em estudo, enquanto na TVI é o termo preferido, nunca faltando. Excepção feita de pequenas diferenças deste tipo, o léxico próprio dos tópicos focados é, como seria de esperar, quase idêntico nos textos das três empresas, faltando ainda fazer-se um estudo do leque aproveitado nas diversas categorias e outro de frequências relativas.

A linguagem figurada e o clichê

Por outro lado, um aspecto verdadeiramente digno de atenção prende-se com a metaforização da linguagem empregada e a conseqüente criação de clichês. Um facto curioso que observámos ao analisar o uso de linguagem figurada nos boletins foi que esta se limita quase em exclusivo às referências ao sol e às nuvens (ou nebulosidade). A sua personificação não é uma novidade dos boletins meteorológicos, se pensarmos no endeusamento de que são alvo em certas religiões ou até no sol sorridente dos

nossos desenhos de criança.

O mais interessante é que, num texto que se encara à partida como científico e informativo, a dicotomia sol vs. nuvens seja de tal forma personificada e avaliada que nos lembra o par bom vs. mau da fita. Isto acontece particularmente nos textos da SIC. Assim, enquanto o sol "dá espreitadelas", ou está "envergonhado", as nuvens ameaçam, influenciam, afectam, instalam-se, pregam partidas, ou seja, são-nos apresentadas como intrusas e indesejáveis. Ainda numa visão negativista das nuvens, encontramos a sua associação à sujidade que macula o pano que é o céu azul. Assim, quase todos os textos usam o clichê "céu limpo" por oposição a "mancha nebulosa". De um modo geral, podemos afirmar que este tipo de textos não procura o uso da linguagem figurada, já que esta não é muito frequente e, quando existe, se resume a metáforas mortas. Mais do que por um efeito retórico, pensamos que a sua utilização é explicada por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, temos o seu alto poder sintético (é muito mais fácil dizer "céu limpo" que "céu sem nuvens nem nevoeiro nem nebulosidade"). Em segundo lugar, a linguagem figurada permite trazer para o texto lexemas que não pertenceriam literalmente ao *frame* nele focado e, assim, contribui para uma maior variedade lexical. A utilização de expressões clichê não se restringe ao âmbito da metáfora. Os diferentes canais, parecem ter adoptado uma série de expressões a que recorrem frequentemente e que lhes são mais características. É o que acontece com a expressão "contar com". Na semana em estudo, ela não ocorreu nenhuma vez na TVI; a RTP usou-a 3 vezes; e SIC tornou-a clichê ao utilizá-la 19 vezes. Esta expressão verbal apresenta, nestes boletins, uma variedade de sujeitos sendo os mais frequentes (77%) nomes geográficos de países, cidades ou regiões (ex: "O Funchal poderá contar com 25 graus"). Menos frequente é a utilização da primeira pessoa do plural referencialmente vaga (ex: "podemos contar com alguma nebulosidade"); a referência não à região mas aos seus habitantes (ex: "os nórdicos contam com uma mancha nebulosa") ou até ao céu (ex: "O céu (...) contando mesmo com periodos de chuva"). Uma outra expressão que parece também ter-se tornado

clichê, desta vez na RTP, é a expressão "prometer dar/ceder lugar a". Em todas as ocorrências registadas, o sujeito da expressão foi a nebulosidade matinal e o objecto indirecto o sol, o que confirma a sua personificação. Ainda na RTP, parece ter-se tornado clichê (6 ocorrências) a expressão "ser a nota dominante" realçando a condição meteorológica mais pertinente (ex: "o sol será a nota dominante", RTP, 24/07).

A sintaxe

Neste ponto, focaremos alguns aspectos sintácticos mais relevantes. Em relação ao tipo de frase, por ex., se excluirmos os trechos dialogados iniciais e finais nos boletins da TVI, encontramos o predomínio absoluto da frase declarativa. Não registámos a ocorrência de nenhuma construção ou entoação que nos levasse a identificar frases exclamativas ou interrogativas. Já as frases de tipo imperativo se poderão encontrar, em alguns textos da SIC e fazem todas parte, em relação à superestrutura, da categoria AVALIAÇÃO: "leve a família até à praia", "deixe-se ficar pelo campo", "acautele-se". Verificámos ainda a ocorrência de uma dúzia de construções passivas (de ser) igualmente distribuídas pela RTP e SIC. Os textos da TVI não apresentaram esta construção, o que vem de encontro ao seu carácter oral. A reforçar esta ideia, a TVI apresenta uma sintaxe falada, no sentido de 1) frases mal formadas (ausência de verbo principal, p. ex.); 2) mudanças de construção; 3) omissão de elementos (preposições p. ex. "o vento irá soprar por vezes forte de NE até 35 km/h e [sc. com?] rajadas que poderão atingir..."); 4) emprego de "ir + infinitivo" para exprimir tempo futuro (ex: "O vento vai soprar fraco"); 5) hesitações e repetições (ex: "Numa última imagem obtida do visível, podemos ver, que se vê melhor neste tipo de imagens a nebulosidade baixa, podemos ver, de facto, a nebulosidade baixa ainda a afectar..."). Estas características são próprias do discurso oral e, nas palavras de van Dijk, advêm do seu aspecto dinâmico e intrincado, em que o locutor não pode, como na escrita, "eliminar o primeiro rascunho".

Como já acentuaram Fiske e Hartley (1978), o discurso televisivo pertence ao modo retórico, mas, devido à necessidade de se dirigir a um leque social e cultural extremamente vasto, vê-se obrigado a misturar os códigos oral e escrito numa maneira inédita. Dos boletins meteorológicos que analisámos, apenas os da TVI foram emitidos em óbvia transmissão directa, já que apareceram inseridos nos noticiários, vendo-se a troca de amabilidades entre o técnico e o apresentador no início e no fim do boletim. A forma das emissões das outras estações leva a crer que teriam sido gravadas com alguma antecedência. Este aspecto necessita dum estudo mais demorado, em que pensamos seguir as sugestões de Halliday (1989) relativas a linguagem falada e escrita.

Referências

- Beaugrande, R A de & Dressler, W. 1981. *Introduction to Text Linguistics*. Longman.
 Bell, Alan. 1991. *The Language of News Media*. Blackwell.
 Eco, Umberto. 1981. *O Signo*. Presença (trad. Marinho, M de F).
 Fiske, John & Hartley, John. 1978. *Reading Television*. Methuen (New Accents).
 Halliday, MAK. 1989. *Spoken and written language*. OUP.
 Halliday, MAK & Hasan, Ruqaiya. 1976. *Cohesion in English*. Longman.

Notas

¹ A semana compreendeu os dias 18 a 24 de Julho de 1994. No caso da RTP, os boletins dos dois canais são idênticos.

² Sabemos que as fotografias podem ser classificadas como índices (Eco, 1981: 54), quando constituem um vestígio do objecto fotografado. Não será o caso aqui.

³ A divisão textual das gravações é nossa, já que não tivemos acesso a nenhum dos textos. Dai as aspas.

⁴ Definido como "superordinate members of major lexical sets", p. ex. 'substantivo humano' [pessoa, homem, mulher, etc.], 'substantivo espacial' [lugar], 'substantivo inanimado abstracto' [assunto].

APÊNDICE

